

HUMANAS E SOCIAIS

V.9 • N.2 • 2021 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2021v9n2p741-755



A HISTÓRIA JUDAICA EM HOLOGRAMAS: ENSINO E EXPERIÊNCIA CULTURAL EM *SMART MUSEUMS*

THE JEWISH HISTORY IN HOLOGRAMS: TEACHING AND
CULTURAL EXPERIENCE IN SMART MUSEUMS

LA HISTORIA JUDÍA EN HOLOGRAMAS: ENSEÑANZA Y
EXPERIENCIA CULTURAL EN MUSEOS INTELIGENTES

Janaina Cardoso de Mello¹
Estefanni Patrícia Santos Silva²

RESUMO

O artigo objetiva problematizar a forma pela qual a História Judaica é apropriada e ressignificada de objetos tangíveis musealizados para representações sociais digitais nos *Smarts Museums* e compreender como são elaboradas as narrativas históricas associadas às expografias tecnológicas. Além da análise de referências bibliográficas e documentais, se realizou o estudo de caso do Museu do Holocausto de Illinois (EUA), exemplo de *Smart Museum* contemporâneo. Aliar os estudos das Ciências Humanas às inovações tecnológicas digitais em desenvolvimento pode ofertar melhores subsídios informacionais e formativos tanto aos professores de História da Educação Básica quanto aos seus alunos, enquanto sujeitos de compartilhamento e produção de conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE

Smart Museum. História Judaica. Ensino de História.

ABSTRACT

The article aims to problematize the way in which Jewish History is appropriated and reframed from tangible objects musealized for digital social representations in the Smarts Museums and to understand how the historical narratives associated with technological expographies are elaborated. In addition to the analysis of bibliographic and documentary references, a case study of the Illinois Holocaust Museum (USA) was carried out, an example of a contemporary Smart Museum. Combining the studies of Human Sciences with digital technological innovations in development can offer better informational and formative subsidies both to teachers of History of Basic Education and to their students, as subjects of sharing and production of knowledge.

KEYWORDS

Smart Museum. Jewish History. History teaching.

RESUMÉN

El artículo tiene como objetivo problematizar la forma en que la Historia Judía se apropia y replantea a partir de objetos tangibles musealizados para representaciones sociales digitales en los Museos Smarts y comprender cómo se elaboran las narrativas históricas asociadas a las exposiciones tecnológicas. Además del análisis de referencias bibliográficas y documentales, se realizó un estudio de caso del Museo del Holocausto de Illinois (EE. UU.), ejemplo de un Smart Museum contemporáneo. Combinar los estudios de Ciencias Humanas con las innovaciones tecnológicas digitales en desarrollo puede ofrecer mejores subsidios informativos y formativos tanto a los profesores de Historia de la Educación Básica como a sus alumnos, como sujetos de intercambio y producción de conocimiento.

PALABRAS-CLAVE

Museo inteligente. Historia judía. Enseñanza de la historia.

1 INTRODUÇÃO

A aceleração do uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) têm apresentada às sociedades novas modalidades de interatividade entre *hardwares*, *softwares*, mas entre pessoas e o ensino-aprendizagem por experiência. Com a *Internet das Coisas* (Internet of Things – IoT) aparelhos se comunicam à exemplo de *smartphones* e *smart Tv*, *smart* refrigeradores, carros e casas *smarts* e com as pessoas por meio de sensores de movimento que acionam funcionalidades tecnológicas, à exemplo de iluminação, som e projeções (NAUMAN *et al.*, 2020).

A cadeia de produtos com atribuição de *smartness*, diferentemente da noção de *intelligence*, refere-se ao fato de a “esperteza” ser adquirida, desenvolvida e aplicada, enquanto a “inteligência” é algo inato, se nasce com ela, inclusive mensurando-a por testes de Quociente de Inteligência (QI) (SADOWSKI; BENDOR, 2018).

Apesar da pandemia da Covid19 acelerar os processos de digitalização, a disrupção tecnológica têm alterado o funcionamento do mercado, a vida das pessoas e a forma como as sociedades se relacionam em bases políticas, socioeconômicas e culturais (FERNÁNDEZ; VALLE, 2018; ETXEBARRIA, 2021).

As novas tecnologias que caracterizam a *Internet das Coisas* (IoT) permitem a confecção de ambientes inteligentes, capazes de ofertar serviços avançados aos usuários. Recentemente, os ambientes inteligentes estão sendo explorados para renovar o interesse dos usuários pelo patrimônio cultural, garantindo experiências culturais reais e interativas (ALLETTO *et al.*, 2016).

Nesse contexto, os museus que por séculos guardam tradições, memórias e histórias, comunicando-as às sociedades variadas interpretações de distintos acervos físicos, precisam lidar com memórias digitais e suportes virtuais. O aprendizado da tecnologia digital da informação e comunicação (TIDC), renovado à cada momento, tem configurado os *Smart Museums*.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a criação do Estado de Israel (1948), diversas instituições em países da diáspora judaica acolheram exposições de curta e longa duração e/ou museus desejosos comunicar a história judaica e os horrores dos campos de concentração. Tornaram-se espaços não-formais de Educação, de Ensino de História e de Educação Patrimonial.

A topografia desses museus abrange quase todos os continentes, do Museo del Holocausto de Buenos Aires, o Museu da Topografia do Terror em Berlim, o Memorial da Shoah em Paris, o Los Angeles *Museum of the Holocaust* (LAMOTH), o *United States Holocaust Memorial Museum* – Memorial do Holocausto – em Washington, DC (EUA), o *Museum of Jewish Heritage* em Nova York, *The Florida Holocaust Museum*, *Holocaust Memorial Resource and Education Center* também na Flórida, *Holocaust Museum Houston*, o *State Museum at Majdanek Concentration Camp* (SMMCC) na Polônia, *Beit Haedut - The Testimony House* em Israel ao Museu do Holocausto de Curitiba no Paraná, dentre outros (MELLO; SILVA, 2012, p.187-188; GOMES, 2020).

As indagações que motivam o presente artigo são “De que forma *Smarts Museums* contam a História Judaica imersa em tradições e conservadora de um passado tão fortemente consolidado como meio de sobrevivência ao (e no) futuro? Quais as diferenças e contribuições significativas dos *Smarts Museums* para os vários museus da história e cultura judaica existentes desde a década de 1940?”

Sob esse aspecto, como objetivos do texto se busca problematizar a forma pela qual a História Judaica é apropriada e ressignificada de objetos tangíveis musealizados para representações sociais digitais nos *Smarts Museums* e compreender como são elaboradas as narrativas históricas associadas às expografias tecnológicas.

O procedimento metodológico da pesquisa com abordagem qualitativa-descritiva, compreendeu duas etapas: 1) Levantamento e análise de referências bibliográficas e documentais e 2) o estudo de caso do Museu do Holocausto de Illinois (EUA), exemplo de *Smart Museum* contemporâneo.

Nos últimos anos verificou-se um interesse maior dos pesquisadores das áreas de Turismo, Museologia e História Cultural pela musealização *in situ* de antigos campos de concentração à exemplo de Auschwitz. Há profundas lacunas na historiografia de ensino de história em museus, tendo como temática prioritária a história judaica em *Smart Museums*. Esse desconhecimento termina por acarretar menores possibilidades didáticas dos professores da Educação Básica junto ao ensino dos conteúdos de História Contemporânea. Ainda nessa perspectiva, também são escassos no Brasil os estudos sobre a museografia dos *Smart Museums*, principalmente os que possuem a história judaica em suas expografias ou tipologias museológicas.

Os tempos de isolamento social mundial e o incremento ao uso das tecnologias digitais abriram as portas para um mundo híbrido. Assim, a perspectiva presente e futura aponta para o fato de que não teremos uma escolha única entre museus digitais ou analógicos, mas sim instituições tradicionais em suas museografias que precisarão assumir o compasso tecnológico da atualidade, com maior ou menor sofisticação, dadas as diferentes condições de gestão orçamentária de cada uma.

Portanto, aliar os estudos das Ciências Humanas às inovações tecnológicas digitais em desenvolvimento pode ofertar melhores subsídios informacionais e formativos tanto aos professores de História da Educação Básica quanto aos seus alunos, enquanto sujeitos de compartilhamento e produção de conhecimentos.

2 MÉTODO

O método de pesquisa em sua abordagem qualitativa-descritiva, no primeiro momento compreendeu o levantamento e análise de referências bibliográficas e documentais. Por isso foram feitas prospecções nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Scopus*, *Web of Science*, Portal de Periódicos da Capes, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações é mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Biblioteca Digital EDUCA e *Educational Resources Information Center* (ERIC) – EUA, uma Base de Dados da área da educação e temas relacionados e o *Berman Jewish Policy Archive* da Stanford University.

No segundo momento, o estudo de caso do Museu do Holocausto de Illinois (EUA), foi realizada uma imersão no *site* da instituição, bem como a correlação com reportagens que trouxeram a recepção das TDIC usadas no museu.

3 O MUSEU DO HOLOCAUSTO DE ILLINOIS (EUA) - *ILLINOIS HOLOCAUST MUSEUM & EDUCATION CENTER* A MUSEOGRAFIA DA HISTÓRIA JUDAICA

O Museu do Holocausto de Illinois (EUA) - *Illinois Holocaust Museum & Education Center* – localizado em Skokie, Illinois, perto de Chicago, no projeto original foi fundado em 1981. Entretanto, o atual Museu e Centro de Educação do Holocausto de Illinois, com 65.000 metros quadrados, foi inaugurado em 19 de abril de 2009 (FIGURA 1), com o esforço de 30 anos de trabalho árduo da comunidade local de sobreviventes do Holocausto. O projeto arquitetônico de Stanley Tigerman (1930-2019) para quem o desenho do edifício é “carregado de simbolismo, porque se destina a ser uma resposta direta ao Terceiro Reich, que queria eliminar a história e a cultura dos judeus” (ILLINOIS..., 2021b; BERNSTEIN, 2019).

Essa “simbologia arquitetônica” está demarcada na estética cenográfica da museografia³, pois os visitantes adentram em um espaço marcado pelo concreto cru e a baixa iluminação, quando circulam pelos espaços cujas narrativas históricas contida na representação social dos objetos musealizados fazem referência aos campos de concentração (FIGURA 2) e à medida que se aproximam da libertação dos judeus pelos soldados soviéticos ao final da Segunda Guerra Mundial e a contribuição judaica para a cultura mundial, o espaço adquire tons mais claros e luminosos (FIGURA 3).

Figuras – 1, 2 e 3: *Illinois Holocaust Museum & Education Center* (EUA): fachada e expografia



Fonte: Tripadvisor (2021).

3 O “programa museográfico” engloba a definição dos conteúdos da exposição e os seus imperativos, assim como o conjunto de relações funcionais entre os espaços de exposição e os outros espaços do museu (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p.59).

A história da criação do museu está relacionada à ameaça neonazista de uma marcha em Skokie, Illinois, no final dos anos de 1970. Preocupados com essa possibilidade de “revisão histórica” os sobreviventes de Chicago se uniram para criar a *Holocaust Memorial Foundation* de Illinois. Uma pequena loja de Skokie foi comprada com contribuição coletiva de arrecadação de fundos e disponibilizada ao público, especialmente às crianças em idade escolar, com foco no combate ao ódio com educação (ILLINOIS..., 2021b).

Para garantir que as mentes jovens continuem a aprender essas lições, a organização garantiu com sucesso a aprovação do Mandato de Educação do Holocausto em 1990, tornando Illinois o primeiro estado a exigir a Educação sobre o Holocausto em escolas públicas. Em 2005, a organização foi novamente influente na expansão deste mandato; o *Holocaust and Genocide Education Mandate* agora exige que as escolas de Illinois ensinem sobre todos os genocídios (ILLINOIS..., 2021b).

Em 1996, estimou-se que seis milhões de judeus viviam em Israel. O resultado quantitativo da diáspora judaica no mundo estimava, aproximadamente, 5,5 milhões residindo nos Estados Unidos, 400.000 na França, 380.000 no Canadá, 375.000 no Reino Unido, 190.000 na Rússia, 180.000 na Argentina, 120.000 na Alemanha, 110.000 no Brasil e 700.000 no Chile (HANDLIN; HANDLIN, 1949; ISAACS, 1997).

A missão do *Illinois Holocaust Museum & Education Center* inscreve-se no lema “Lembre-se do passado, transforme o futuro”. O Museu busca preservar o legado do Holocausto, homenageando a memória daqueles que perderam as vidas e ensinando lições universais que combatem o ódio, o preconceito e a indiferença. O cumprimento da missão institucional do Museu ocorre por meio da exposição, preservação e interpretação de seu acervo e ainda com a realização de programas e iniciativas educacionais que fomentam a promoção dos direitos humanos e a eliminação do genocídio (ILLINOIS..., 2021e).

Em 2017, foi aberto aos visitantes do museu o teatro interativo *Survivor Stories Experience*, apresentando o projeto de inovação tecnológica tridimensional *Dimensions in Testimony* no qual treze sobreviventes do Holocausto (a maioria mora nos Estados Unidos, mas inclui ainda residentes no Canadá, em Israel e na Grã-Bretanha) foram filmados em alta definição, por mais de 50 câmeras e responderam aproximadamente 2.000 indagações durante quase uma semana (CORREIO..., 2017; ILLINOIS..., 2021c).

A Fundação Shoah, integrante da Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles, foi o grupo que se associou ao Museu Illinois para criar essa experiência interativa com hologramas 3D (FIGURAS 4; 5) combinadas com tecnologia de reconhecimento de voz que permitem aos sobreviventes contarem suas histórias pessoais com uma intensa carga emocional, respondendo às perguntas do público como se ali estivessem, convidando os visitantes para uma “conversa” personalizada e intimista (ILLINOIS..., 2021c).

Figuras – 4 e 5: Teatro interativo Survivor Stories Experience



Fonte: Tripadvisor (2021) e Zbigniew Bzdak/Chicago Tribune (2017).

O holograma tridimensional interativo perfaz a ideia de *smartness*, uma vez que sua ênfase está em “reproduzir imagens em um novo contexto que substitui o real, e este deve ser suficientemente concreto para ocupar o lugar do elemento real” (BARCELLOS, 2015, p. 578). Desse modo, os projetos de interação com a aplicação de *design* e engenharia das interfaces humanas em hologramas 3D demonstram a alta capacidade de aprendizado e aperfeiçoamento de *softwares*, com sofisticados sistemas de análise de materiais e armazenamento de dados.

No museu, quatro galerias interativas guiam os visitantes em questões contemporâneas de justiça social, capacitando e inspirando os visitantes com conhecimento e ferramentas de combate ao ódio. São elas: 1) *Abe & Ida Cooper Survivor Stories Experience*, 2) *Goodman Upstander Gallery*, 3) *Take a Stand Lab* e 4) *Act of Art* (ILLINOIS..., 2021d).

Na *Goodman Upslander Gallery* estão portais de histórias em tamanho real, curtas-metragens e outros recursos interativos táteis em cinco áreas, abordando a Declaração Universal dos Direitos Humanos: oportunidades econômicas, direitos iguais, comunidades seguras, educação, saúde e meio ambiente. A galeria apresenta ainda 40 defensores (locais e globais, contemporâneos e históricos) dos direitos humanos. São eles: líderes históricos Nelson Mandela, Susan B. Anthony e Jane Addams; artistas e atletas Theaster Gates e Carli Lloyd; ativistas, Malala Yousafzai; e os adolescentes, Marley Dias e Jack Andraka, que conscientizam sobre a necessidade da diversidade na literatura infantil e nos lembram que temos o poder de causar um impacto positivo em qualquer idade (ILLINOIS..., 2021d).

O *Take a Stand Lab* apresenta quiosques de mídia interativa que ilustram como agir em questões importantes para você pelo meio da conscientização, doação, defesa e participação. Utilizando *Flip Books* compartilha histórias e estratégias de indivíduos e organizações que tomaram uma posição e fizeram uma diferença positiva em suas comunidades (ILLINOIS..., 2021d).

O percurso museológico torna-se completo com a galeria *Act of Art*, que ressalta a arte como uma forma de ação social e ativismo. A galeria abriga a coleção de belas artes do Museu, sob a curadoria do *Take a Stand Center*, com peças que exploram eventos históricos significativos a partir das lentes dos artistas e suas mensagens (ILLINOIS..., 2021d).

4 A NARRATIVA DAS BIOGRAFIAS DOS SOBREVIVENTES DO HOLOCAUSTO EM HOLOGRAMAS 3D NO ENSINO DE HISTÓRIA

A seleção de quatro biografias das 13 coletivas da galeria *Abe & Ida Cooper Survivor Stories Experience* traz memórias que imiscuem fatos históricos à carga subjetiva dos momentos trágicos vivenciados (QUADRO 1).

Quadro 1 – Biografias *Survivor Stories Experience* do *Illinois Holocaust Museum*

Sobrevivente	Biografia
<p>Aaron Elster (nascido em 1933 na pequena vila de Sokolow-Podlaski, no nordeste da Polônia)</p>	<p>Viveu no Gueto de Sokolow com suas duas irmãs, mãe e pai, até a liquidação do gueto em setembro de 1942. Ele escapou da liquidação e se escondeu em várias fazendas vizinhas. Eventualmente, Aaron encontrou refúgio no sótão de uma família polonesa, onde se escondeu por dois anos até o fim da guerra. Após a guerra, Aaron viveu em vários orfanatos em toda a Polônia e, finalmente, foi contrabandeado da Polônia para vários campos de DP na Alemanha Ocidental. Aaron Elster e sua irmã foram para os Estados Unidos em junho de 1947. Ele foi educado em Chicago e serviu nas forças armadas na Coreia. Aaron era casado e tinha 2 filhos e 2 netos. Ele era um membro ativo da comunidade, servindo como co-presidente do Gabinete de Oradores e vice-presidente do Illinois Holocaust Museum & Education Center. Além disso, ele atuou como Presidente do Gabinete de Oradores da Associação de Crianças Escondidas. Como coautor de <i>I Still See Her Haunting Eyes</i>, ele narrou suas experiências do Holocausto. Aaron falou extensivamente em nível local e estadual sobre suas experiências e lições do Holocausto. Aaron faleceu em abril de 2018, mas seu holograma continua a contar sua história por meio da experiência <i>Abe & Ida Cooper Survivor Stories Experience</i> do Illinois Holocaust Museum.</p>
<p>Fritzie Fritzshall (nascida em 1929 em Klucharky, Tchecoslováquia)</p>	<p>Depois que sua cidade caiu sob ocupação nazista, Fritzie, sua mãe e dois irmãos foram deportados para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Ela tinha apenas treze anos. Perto do fim da guerra, Fritzie foi transferida para um subcampo de Auschwitz, onde trabalhou como escrava em uma fábrica. Em 1945, ela foi finalmente libertada pelo exército russo, durante a marcha da morte de Auschwitz. Após a guerra, em 1946, Fritzie foi para os Estados Unidos e se reencontrou com seu pai, que havia conseguido escapar do Holocausto. Sua mãe, dois irmãos mais novos e outros membros da família morreram. Fritzie é um membro ativo da comunidade, servindo como presidente do Illinois Holocaust Museum & Education Center. Fritzie continua a falar extensivamente em nível local e estadual sobre suas experiências e lições do Holocausto. Em 2015, Fritzie recebeu o Prêmio Bertha Honoré Palmer Fazendo História por Distinção em Liderança Cívica do Museu de História de Chicago.</p>

Sobrevivente	Biografia
<p>Pinchas Gutter (nasceu em Łódź, Polônia, em 21 de julho de 1932)</p>	<p>Seus pais eram produtores de vinho, até a guerra chegar a Łódź, quando Pinchas tinha 8 anos. Apenas três semanas após a ocupação nazista de Łódź, o pai de Pinchas quase foi espancado até a morte. A família fugiu para encontrar a tia de Pinchas em Varsóvia. Lá, eles foram mantidos no Gueto de Varsóvia, onde permaneceram durante a Revolta do Gueto de Varsóvia de 19 de abril de 1943. Antes da rebelião, o pai de Pinchas construiu um bunker para esconder a família Gutter. Eles foram descobertos e enviados para o campo de concentração de Majdanek. Em Majdanek, os pais de Pinchas e a irmã gêmea morreram. Pinchas foi selecionado para trabalhos forçados no campo de Skarzysko Kamienna, depois para trabalho no campo de Tschenschostochau-Raków, e depois foi transferido para Buchenwald em 1944. Ele continuou a sobreviver como trabalhador forçado nas cozinhas do campo de concentração de Colditz na Alemanha, mas foi em seguida, enviado em uma marcha da morte em direção ao gueto de Theresienstadt, na Tchecoslováquia. Lá, ele foi libertado pelo exército russo em 8 de maio de 1945. Após a guerra, Pinchas foi para o Reino Unido, depois mudou-se para Paris para morar com um primo. Mais tarde, ele migrou para Israel, onde serviu no exército. Lá, ele conheceu e se casou com sua esposa, Dorothy, com quem se mudou para a África do Sul. Pinchas se tornou um financista de sucesso e criou duas filhas, Rumi e Tanya, além de um filho, Jan. Em 1985, eles se mudaram para Toronto, Canadá, onde Pinchas continuou seu trabalho como financista. Hoje, ele está aposentado e é voluntário como cantor na sinagoga local.</p>
<p>Samuel R. Harris (nascido Szlamek Rzeznik, em Deblin, Polônia, em 1935)</p>	<p>É um dos mais jovens sobreviventes dos campos de concentração durante o Holocausto. Tinha apenas quatro anos quando a guerra atingiu sua cidade. Tendo perdido seus pais e a maior parte de sua família durante o Holocausto, Sam sobreviveu escondendo-se, dos sete aos nove anos e meio, nos campos de concentração de Deblin e Czestochowa. Embora fosse órfão quando chegou aos EUA com 12 anos, Sam estava cheio de esperança com as possibilidades que o aguardavam. Através do Jewish Children's Bureau em Chicago, Sam foi adotado pelo Dr. Ellis e pela Sra. Harriet Harris de Northbrook. Ele foi para a New Trier High School e foi diligente em seus estudos e intenso nas competições atléticas. A faculdade e uma carreira, casamento e paternidade se seguiram, mas em 1981 ele se reconectou com seu passado no Encontro Mundial de Sobreviventes do Holocausto Judeus em Jerusalém. Hoje ele fala a milhares de crianças e adultos anualmente. Sam foi uma força instrumental por trás da construção do Illinois Holocaust Museum & Education Center de 65.000 pés quadrados, do qual ele é o presidente emérito. Em 2014, Sam foi o orgulhoso recebedor da Medalha de Honra de Ellis Island.</p>

Fonte: Illinois Holocaust Museum & Education Center (2021d).

Os estudantes do oitavo ano da Escola *St. Paul of the Cross* em Park Ridge (FIGURA 6), em uma visita ao museu, adentraram ao teatro interativo *Survivor Stories Experience*. Após as luzes se apagarem, foi projetado um documentário de sete minutos sobre a sobrevivente do Holocausto Fritzie Fritzhall, moradora de Chicago. Ela contou da prisão de sua família sob a mira de uma arma, as privações e degradações da prisão em um gueto judeu na Tchecoslováquia, os horrores da jornada infernal de vagão de carga para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau e sua improvável sobrevivência. Quando as luzes se acenderam, Fritzhall se materializou no palco em uma imagem tridimensional, luminescente e disse aos estudantes: “Eu tenho muito mais para contar a vocês”; “Então, por favor, me façam perguntas” (REICH, 2017).

Figura 6 – Reação dos estudantes da Escola *St. Paul of the Cross* aos hologramas 3D



Fonte: Zbigniew Bzdak/Chicago Tribune (2017).

Enquanto jovens lhe perguntam “Qual foi a parte mais difícil de sua experiência no campo de concentração?” Ela parece ouvir com atenção, balança a cabeça em reconhecimento às indagações, sorri ocasionalmente, às vezes vai à beira das lágrimas e sempre responde com ternura na voz e no rosto. E à indagação Fritzhall responde:

Achei que fosse morrer quando estava caminhando em direção às câmaras de gás. Pensei que morreria quando não tivesse comida suficiente. Não achei que fosse durar mais um dia sem comida. Achei que morreria muitas vezes apenas caminhando no próprio acampamento quando ouvi um tiro vindo de alguém que estava de pé próximo a mim. Nunca houve qualquer certeza quando estávamos em Auschwitz (REICH, 2017, on-line).

As expressões assombradas dos alunos da Escola *St. Paul of the Cross* demonstram que ao aliar a tecnologia digital da comunicação com o conhecimento histórico, o passado é compreendido pelos jovens no presente, cujo instante efêmero e veloz integra seus cotidianos com maior peso do que suas ancestralidades. As relações históricas em suas permanências e mudanças, se apresentam por meio de biografias coletivas (QUADRO 1) dos hologramas 3D, requerem habilidades de análise crítica nesse olhar sobre o passado, considerando as experiências humanas partilhadas (LUCINI; CASTRO, 2015, p.109) e assim é afirmada a relevância social do ensino de História.

A antropóloga Sharon Macdonald (2009) destacou a emergência de uma nova tipologia patrimonial/museológica, ao final do século XX, a *Difficult heritage* (heranças/patrimônios difíceis), nos estudos culturais. Uma vez que ao lidar com a rememorações dolorosas para sobreviventes e descendentes de acontecimentos traumáticos (holocausto, ditaduras militares, escravidão africana, *apartheid*, bombas atômicas em Nagasaki e Hiroshima, a explosão da Usina de Chernobyl etc.) os duplos antagônicos de conservação/destruição, conciliação/revolta, memória/esquecimento atuam como “sal na ferida” e enquanto alguns querem esquecer esse passado, outros precisam fazê-lo sobreviver à amnésia do tempo (HODGKIN; RADSTONE, 2003, p. 237), buscando evitar a repetição da tragédia, por meio de conhecimentos históricos que gerem problematização crítica, conscientização empática e responsabilidade cidadã.

Para além de um museu histórico, o *Illinois Holocaust Museum & Education Center* se configura em um “museu-memorial”, conforme Paul Williams (2007) para quem essa tipologia agrega um enquadramento moral à narração de acontecimentos históricos traumáticos e explicações contextuais profundas, sobejando um posicionamento político capaz de conduzir à interpretação crítica da exposição visitada.

Um *Smart Museum* congrega uma aprendizagem inovadora, não apenas contemplativa dos objetos, mas também interativa do público visitante com a exposição e sua narrativa. A *Internet das Coisas* – IoT, auxilia na coleta de informações em tempo real onde diferentes sensores, *softwares*, banco de dados e câmeras são usados e compartilham informações através do uso da *Internet* (SHARMA; GURUNG, 2020, p. 2).

Os visitantes não querem mais ser consumidores passivos. Eles agora exigem informação, entretenimento e participação ativa na estimulação multissensorial, aliados a um design inovador nos meios de divulgação e mediação. Para isso, os *smart museums* terão a missão de atender às expectativas que refletem as três facetas do visitante (como ser humano): o *homo sapiens*, humano que sabe e que está em constante busca de informação e conhecimento; *homo ludens*, que destaca a importância do brincar para o ser humano, em particular para potencializar sua busca pelo conhecimento e, por fim, *homo faber*, humano que fabrica ferramentas que facilitam sua vida, principalmente aquelas necessárias para sua busca pelo conhecimento (BAAZIZ, 2020).

A conexão entre a TDIC e a “consciência histórica” nos *smart museums* permite a relação dos objetos com os sujeitos no tempo enquanto experiência, relato, expectativa e projeção (CERRI, 2014, p.121).

5 CONCLUSÃO

Ao professor, cabe uma contínua atualização (life long learning) para garantir que seus alunos desenvolvam além da capacidade crítica analítica da realidade – cuja percepção dos tempos históricos é essencial para uma compreensão mais aprofundada da vida em sociedade – o letramento e a cultura digital como competências necessárias ao mundo do trabalho e à própria humanização das tecnologias.

O *Illinois Holocaust Museum & Education Center* ao lidar com memórias sensíveis de acontecimentos trágicos trazem seus protagonistas em suportes digitais holográficos com uma narrativa crítica, com ênfase nos Direitos Humanos e combate ao preconceito nas temporalidades presente e futuras.

As TDIC nos *smart museums* trazem um suporte mais duradouro que a própria vida dos depoentes, favorecendo a continuidade de suas memórias como ensino de História, mesmo após suas mortes. E distintamente dos museus analógicos, essa interatividade digital alcança com maior propriedade as novas gerações imersas nas linguagens de *smartphones*, *games* e redes sociais interativas.

REFERÊNCIAS

ALLETTO, S.; CUCCHIARA, R.; DEL FIORE, G.; MAINETTI, L.; MIGHALI, V.; PATRONO, L.; SERRA, G. An Indoor Location-Aware System for an IoT-Based Smart Museum. **IEEE Internet of Things Journal**, v. 3, n. 2, p. 244-253, 2016. <https://doi:10.1109/jiot.2015.2506258>.

BAAZIZ, Abdelkader. Smart museum: vers l'émergence de nouvelles médiations muséales. *In*: BAUJARD, Corinne; LAGIER, Joëlle; MONTARGOT, Nathalie. **Organisations créatives et culturelles: Évolutions et mutations**, Collection Arts et Sciences. Paris: ISTE Editions, 2020. p.169-191.

BARCELLOS, E. E. I.; MERCALDI, M.; PINHEIRO, O. J.; BOTURA JÚNIOR, G. Holografia: Inovação e metáfora de interatividade na comunicação e na representação ótica. *In*: SPINILLO, C. G.; FADEL, L. M.; SOUTO, V. T.; SILVA, T. B. P.; CAMARA, R. J. (ed.). Congresso Internacional de Design da Informação/Proceedings of the 7th Information Design International Conference, 7. **Anais [...]**, v.2, n. 2, São Paulo: Blucher, 2015, p.569-582. Disponível em: <https://10.5151/designpro-CIDI2015-12>. Acesso em: 18 mar. 2021.

BERNSTEIN, Fred A. Stanley Tigerman, Architect of Puckish Postmodernism, Dies at 88. **The New York Times**, Section A, p. 24, 4 jun. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/06/04/obituaries/stanley-tigerman-dead.html>. Acesso em: 18 mar. 2021.

CERRI, Luis Fernando. Os saberes escolares e o conceito de consciência histórica. **Revista Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, MS, p. 110-125, v. 4, n. 11, mai./ago. 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/4367/2251>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CORREIO Braziliense. **Museu dos EUA inaugura mostra de hologramas de sobreviventes do Holocausto**. 27 out. 2017. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2017/10/27/interna_mundo,637042/museu-dos-eua-inaugura-mostra-de-hologramas-de-sobreviventes-do-holoca.shtml. Acesso em: 20 mar. 2021.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de museologia**. Tradução Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

ETXEBARRIA, Jon Rueda. Tecnologías socialmente disruptivas. **DILEMATA**, Revista Internacional de Éticas Aplicadas, v. 13, n. 34, p. 5-9, 2021.

FERNÁNDEZ, Esteban; VALLE, Sandra. Tecnología disruptiva: la derrota de las empresas establecidas. **Innovar**, v. 28, n. 70, 2018, p. 9-21.

GOMES, Clausi Maria do Porto. **Museus temáticos do holocausto**: uma análise dos *websites* à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento/UFMG, Belo Horizonte, 2020.

HANDLIN, Oscar; HANDLIN, Mary Flug. A century of jewish immigration to the United States. **American Jewish Year Book**, v. 1, p. 1-104, 1949. Disponível em: <https://www.bjpa.org/search-results/publication/19999>. Acesso em: 20 mar. 2021.

HODGKIN, Katharine; RADSTONE, Susannah. And then the silence in HODGKIN, Katharine; RADSTONE, Susannah (ed.). **Contested pasts, the politics of memory**. New York: Routledge, 2003.

ILLINOIS Holocaust Museum & Education Center. **Explore four interactive galleries**. Disponível em: <https://www.ilholocaustmuseum.org/tas/>. Acesso em: 10 mar. 2021a.

ILLINOIS Holocaust Museum & Education Center. **History**. Disponível em: <https://www.ilholocaustmuseum.org/pages/about/history/>. Acesso em: 10 mar. 2021b.

ILLINOIS Holocaust Museum & Education Center. **Holocaust Survivor tell their stories through interactive 3D holograms**. Disponível em: <https://www.ilholocaustmuseum.org/abe-ida-cooper-survivor-stories-experience/>. Acesso em: 10 mar. 2021c.

ILLINOIS holocaust museum & education center. **Meet Virtual Chicago-Area Survivors**. Disponível em: <https://www.ilholocaustmuseum.org/meet-virtual-survivor-area-survivors/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ILLINOIS holocaust museum & education center. **Mission**. Disponível em: <https://www.ilholocaustmuseum.org/pages/about/mission/>. Acesso em: 10 mar. 2021e.

ISAACS, Leora. “Continuity”. **Sh’ma: A Journal of Jewish Ideas**, p.3-5, 1997. Disponível em: <https://www.bjpa.org/search-results/publication/8509>. Acesso em: 25 mar. 2021.

LUCINI, Marizete; CASTRO, José Valter. O ensino de História e a relação com o saber na sobremodernidade. *In*: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; MAYNARD, Andreza Santos Cruz (Orgs.) **História & Educação**. Ensaios sobre cultura e ensino. Recife: EDUPE, 2015. p.103-122.

MACDONALD, Sharon. **Difficult Heritage**: Negotiating the Nazi past in Nuremberg and beyond. New York: Routledge, 2009.

MELLO, Janaina Cardoso de.; SILVA, Estefanni Patrícia Santos. Museo del Holocausto: estudo de uma expografia crítica dos reflexos do regime nazista em Buenos Aires. **CONFLUENZE**, Departamento di Lingue, Letterature e Culture Moderne, Università di Bologna, v. 4, n. 2, p. 171-191, 2012.

NAUMAN, A.; QADRI, Y.A.; AMJAD, M.; ZIKRIA, Y.B.; AFZAL, M.K.; KIM, S.W. Multimedia Internet of Things: **A Comprehensive Survey in IEEE Access**, v. 8, p. 8202-8250, 2020. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?tp=&arnumber=8950450>. Acesso em: 25 mar. 2021.

REICH, Howard. How to talk to Holocaust survivors in the future? In Take a Stand's holograms, an answer. **Chicago Tribune**. 21 out. 2017. Disponível em: <https://www.chicagotribune.com/entertainment/music/howard-reich/ct-ae-holocaust-museum-center-1022-story.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SADOWSKI, J.; BENDOR, R. Selling Smartness: Corporate Narratives and the Smart City as a Sociotechnical Imaginary. **Journal Science, Technology, & Human Values**, v. 44, n. 3, p. 540-563, 2018. <https://doi.org/10.1177/0162243918806061>.

SHARMA, G; GURUNG, R. Smart Museum for Nepal Cultural Heritage Information Exchange System. **Int J Conf Proc.**, v. 2, n. 1, p.1-11, ICP.000528, 2020.

TRIPADVISOR. **Illinois Holocaust Museum & Education Center, Skokie**. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g36707-d3392930-Reviews-Illinois_Holocaust_Museum_Education_Center-Skokie_Illinois.html. Acesso em: 15 abr. 2021.

WILLIAMS, Paul. **Memorial museums, the global rush to commemorate atrocities**. Berg: New York, 2007.

Recebido em: 13 de Abril de 2021

Avaliado em: 7 de Novembro de 2021

Aceito em: 8 de Novembro de 2021



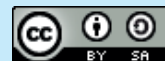
A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutora em História Social – UFRJ; Pós-Doutoranda em Estudos Culturais – PACC-UFRJ; Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe – UFS e do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória/UFS.

E-mail: janainamello.ufs@gmail.com

2 Mestra em Turismo – IFS; Graduada em História e Pedagogia – UNIT e em Museologia – UFS; Professora do Colégio Amadeus e do Colégio Ideal.

E-mail: estefanni.p@gmail.com



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaqual CC BY-SA

